

REPENSANDO UM CONCEITO: O RENASCIMENTO DO SÉCULO XII E AS NOVAS POSSIBILIDADES DE ABORDAGENS

Maurício Ribeiro Damaceno

Doutor em História pela Universidade Federal de Mato Grosso

Membro do *Vivarium* – UFMT

mauricioribeiro96@hotmail.com

LANZIERI JÚNIOR, Carlile. **O Renascimento do século XII: A longa e sinuosa trajetória de um conceito e suas novas possibilidades de abordagens**. Serra: Milfontes. 2023.

Muitas das transformações ocorridas na Baixa Idade Média, sobretudo a partir do século XII, são atribuídas a um fator conhecido pela historiografia como Renascimento. Mas como esse conceito tem sido trabalhado e como deveria ser? Esta e outras questões parecem nortear as discussões apresentadas pelo historiador Carlile Lanzieri Júnior, em seu livro *O Renascimento do século XII: a longa e sinuosa trajetória de um conceito e suas novas possibilidades de abordagem*.

A obra adota uma linha crítica parecida com *Cavaleiros de cola, papel e plástico: sobre os usos do passado medieval na contemporaneidade* (2021), livro também de sua autoria, em que busca refletir sobre inquietações e usos do passado para sustentar discursos negacionistas. Nos dois livros publicados em um curto espaço de tempo, o autor apresenta numerosos argumentos para sustentar suas hipóteses, mostrando erudição e atualizações referentes a campos metodológicos, além de confrontar a historiografia sobre o tema.

A hipótese central apresentada pelo autor é a de que o século XII precisa ser entendido como um período que fala muito mais de si do que temos a capacidade de falarmos dele, e que precisa ser compreendido como livre da responsabilidade de preparar o cenário para a modernidade que se desponta em tempos posteriores. Além disso, esse “Renascimento” parece ser bem mais plural do que se possa imaginar, apresentando diversas nuances em lugares e situações diferentes.

Com capítulos que podem ser lidos em conjunto ou separadamente, a obra destaca a importância de se considerar a circulação de pessoas, mercadorias e saberes, algo que, segundo o autor, foi notado a partir do século XII “(...) em proporções há muito tempo não observadas na Europa cristã ocidental (...)” (LANZIERI JÚNIOR, 2023, p. 29). Seus argumentos acertam ao alertar para a necessidade de olhares mais atualizados sobre o tema, uma vez que a historiografia de outrora parece não ser mais suficiente para explicar a complexidade do termo e aos acontecimentos do período.

Dentre os numerosos exemplos apresentados, Jacques Antoine Ampère (1800-1864) é apontado como o primeiro a mencionar a expressão “Renascimento do século XII”¹, mas ainda com olhares limitados levando em conta apenas regiões como o norte da França e da Itália medieval, inspirado em aspectos da cultura greco-romana antiga. Depois dele, outros escritores também fizeram descrições, mas, segundo Carlile, sem muitas mudanças.

O problema nos argumentos apresentados por autores como Jacques Antoine Ampère, Gérard-Marie Paré, Adrien-Marie Brunet e Pierre Tremblay, como o autor mesmo nos alerta, é que mostram uma estagnação do conceito que atravessou décadas, usados em numerosas pesquisas desenvolvidas posteriormente. Para Carlile:

Evidentemente, não podemos negar o fato de que o norte da Europa e a França em especial parecem melhor representados por discípulos, mestres e manuscritos, algo que deriva do sistemático estudo e catalogação de materiais que por lá se deu sobretudo a partir da segunda metade do século XIX. Porém, continuar ainda hoje a tomar isso como algo natural é um equívoco próprio de uma História escrita sobre pilares assumidamente verticais, genealógicos, quando não abertamente nacionalistas (LANZIERI JÚNIOR, 2023, p. 31).

O excerto acima apresenta uma crítica do autor presente não apenas no primeiro capítulo de sua obra, mas nas páginas que a compõe. Regiões como a França precisam ser entendidas como territórios inseridos em um contexto global, com capacidade de influenciar e de ser influenciado. Como o autor mesmo descreve, a História precisa tomar novos rumos e que seja bem menos nacionalistas, verticais e genealógicos que as análises realizadas outrora. Até mesmo o medievalista francês Jacques Le Goff, que apresentou importantes contribuições em seus escritos, consta na “lista” apresentada por Carlile, daqueles que pouco contribuiram para a reformulação do entendimento do termo. As obras do medievalista francês negligenciaram parcial ou totalmente questões tidas como diversas por apresentarem um teor político e social de máxima relevância para a história.

Para Carlile (e também para nós), existe ainda a necessidade de estudar o Renascimento do século XII como um dismantelamento de velhas formas de adquirir e disseminar o conhecimento, o que também não significava estar isento de conflitos e contendas. O movimento de busca e compartilhamento revela a existência de extensas redes e conexões envolvendo uma gama diversificada de atores. Os estudos dos sujeitos sem levar em conta o global ao qual podiam estar inseridos é tido pelo autor como uma falha. As relações, segundo ele, são bem mais complexas e menos lineares do que muitas vezes têm sido consideradas. Esse olhar bem mais amplo é confirmado pelo excerto abaixo, onde o autor afirmou que:

¹ Usado na obra *Histoire littéraire de la France avant le douzième siècle* (1836).

Confiamos que a busca por novas concepções de espaço a explorar as interações humanas em novos cenários geográficos que a nós ora se apresentam e que não correspondem exatamente ao nacional, continental ou outras fronteiras politicamente definidas na contemporaneidade é um desafio hoje inescapável para os que desejam recontar as histórias desse e de outros renascimentos em outros termos, a partir de outros ângulos de observação (LANZIERI JÚNIOR, 2023, p. 47).

Esta proposta apresentada pelo historiador parece ser bastante pertinente para as novas metodologias e temáticas que a historiografia tem demandado. O autor ainda apresenta duas importantes sugestões para o melhor entendimento desse período histórico: entender os personagens e eventos como simultaneidades, livres de escalas hierárquicas; e abandonar as análises que visam evidenciar rupturas abruptas e focar nas demandas próprias do período.

O livro também apresenta outras importantes reflexões a respeito da transmissão do conhecimento no medievo e uso da memória, como recurso argumentativo para demonstrar a complexidade do termo “Renascimento do século XII”. Segundo o autor, a memória para os medievais seria "mais do que um pilar da razão"², fruto de uma síntese de experiências individuais e coletivas. Essa "herança" intelectual era transmitida às gerações futuras, formando novas conexões e negociações ao longo do tempo, não apenas pela comunicação oral, mas também pela transmissão textual.

Também é importante observar que a transmissão do conhecimento na Idade Média não ocorreu apenas em mosteiros, bibliotecas ou hospitais, mas também nas memórias e oralidades de praticantes letrados e não letrados. Como destaca Mary Carruthers (2011, p. 104-105), a tradição oral era frequente, permitindo aos mestres construir novas teorias ao debaterem ideias de autoridades antigas ou contemporâneas. As relações hierárquicas entre mestres e discípulos eram também recíprocas, possibilitando que o discípulo se tornasse mestre. Mesmo em meio à competição, alguns desses praticantes alcançaram papéis significativos na sociedade.

Para sustentar argumentos como esses, o autor utiliza exemplos de mestres medievais, como Guiberto de Nogent (1055-1125), João de Salisbury (1120-1180) e Adelardo de Bath (1080-1152), abordados também em outros textos seus, como *Homens de pedra: tradição, memória e harmonia na pedagogia de João de Salisbury e outros mestres medievais* (2017). Carlile, demonstrou a existência de redes e de seus atores, uma teoria discutida por Bruno Latour (2012) e bem conhecida pelo autor. Para ele:

Para cada um dos nomes citados, João associou algum tipo de saber aprendido ou por ele praticado. Em poucas décadas, as comunidades de saber formadas por mestres de discípulos não mais se resumiam as ações pontuais de alguns “clérigozinhos” cujas “ciência era tão tênue”, conforme havia afirmado o

² Frase usada como subtítulo do capítulo 2.

abade Gilberto de Nogent anos antes: eram redes amplas e densas a conectar diferentes pessoas e saberes que por ela circulavam a igualmente conectar os seus fios aos fios de outras redes que muito ultrapassaram a fronteira daquilo que a historiografia do século XX convencionou chamar de “ocidente medieval”. E estas redes não se limitaram a uma única geração e também ajudaram a conectar mestres e discípulos de diferentes épocas. João de Salisbury, por exemplo, muito se valeu das memórias acerca dos ensinamentos e métodos de Bernardo de Chartres, alguém que ele próprio não chegou a conhecer pessoalmente (LANZIERI JÚNIOR, 2023, p. 75).

Na análise, o autor demonstra erudição sobre a formação de redes e o processo complexo de transmissão de conhecimento no medievo, apoiando sua tese central de que o “Renascimento do século XII” é mais profundo do que geralmente descrito. Ele defende a necessidade de uma nova perspectiva sobre o período medieval, transcendendo o "ocidente medieval" imposto pela historiografia do século XX. Mesmo ao focar em mestres familiares a suas pesquisas, abre espaço para considerar outros sujeitos medievais, além de questionar conceitos historiográficos tradicionais que, como o “Renascimento do século XII”, requerem revisão.

As reflexões do autor sobre comunidades de prática fazem-nos pensar nesse conceito, abordado por Carlile ao longo da obra, especialmente a partir do capítulo dois. Segundo Micol Maria Long, Tjamke J. Snijders e Steven Vanderputten (2019, p. 42), os membros de uma comunidade de prática, com diversas formações e níveis educacionais, comprometem-se uns com os outros, estabelecendo regras e relações mestre-aprendiz enquanto trabalham juntos para trocar conhecimento, maximizar a produção, fortalecer a guilda, competir no ambiente urbano, proteger seus membros e desenvolver métodos de produção e normas. Nessas relações entre memória e transmissão de conhecimento, como argumenta Carlile Lanzieri Júnior, estava em jogo muito mais do que “aconselhamentos ético exemplar” (LANZIERI JÚNIOR, 2023, p. 60).

Por fim, cabe destacar que, segundo o autor, os mestres viajantes prestavam importantes contribuições para os membros menos experientes ao escreverem e/ou transmitirem seus conhecimentos adquiridos, principalmente quando, ao retornarem ao lugar onde iniciaram suas trajetórias acadêmicas, como no caso de João de Salisbury, percebiam que pouco havia mudado, com debates sobre os mesmos assuntos. Um cenário perfeito para a transmissão dos novos saberes, mas não livre de contestações e estranhamentos como também já destacamos.

Em suma, a obra *O Renascimento do século XII: a longa e sinuosa trajetória de um conceito e suas novas possibilidades de abordagem* representa uma tentativa bem-sucedida de não apenas demonstrar um problema historiográfico referente ao termo “Renascimento do século XII”, mas da necessidade de repensar as pesquisas sobre o medievo. O Renascimento apresentado pelo autor é livre das amarras territoriais e da necessidade de servir como pano de fundo para períodos subsequentes. O historiador demonstrou ainda a existência de

características diversas para esse acontecimento em cada canto conhecido. O uso da memória, a circulação dos saberes e essas complexas *redes* envolvendo mestres, discípulos e teorias, que nem sempre estavam imunes a conflitos, não são apenas argumentos e indicativos de problemas da historiografia desenvolvida a partir do século XX, mas saídas gloriosas para a historiografia dos tempos atuais. O livro é, portanto, um convite a repensar teorias, práticas, territórios e sujeitos.

Bibliografia

CARRUTHERS, Mary. **A técnica do pensamento: meditação, retórica e a construção de imagens (400-1200)**. Campinas: Unicampi, 2011.

LANZIERI JÚNIOR, Carlile. **Cavaleiros de cola, papel e plástico: sobre os usos do passado medieval na contemporaneidade**. Campinas: D7 Editora, 2021.

LANZIERI JÚNIOR, Carlile. **Homens de pedra: tradição, memória e harmonia na pedagogia de João de Salisbury e outros mestres medievais**. Cuiabá: Serata, 2017.

LANZIERI JÚNIOR, Carlile. **O Renascimento do século XII: A longa e sinuosa trajetória de um conceito e suas novas possibilidades de abordagens**. Serra: Milfontes. 2023.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador: EDUFBA-EDUSC, 2012.

LONG, Micol; SNIJDERS, Tjamke; VANDERPUTTEN, Steven. **Horizontal Learning in the High Middle Ages: Peer-to-Peer Knowledge Transfer in Religious Communities**. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2019.